

PRÁTICAS AVALIATIVAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Cindy Cardoso de Siqueira

EMEF Professor Anézio Cabral

RESUMO

O presente trabalho relata práticas avaliativas nas aulas de Educação Física escolar em turmas dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola da rede municipal de ensino de Osasco (SP). Estas práticas pedagógicas foram realizadas a partir de uma perspectiva cultural da Educação Física e de pressupostos da pedagogia pós-crítica.

Palavras-chave: educação física escolar – ensino fundamental – práticas avaliativas

Sou professora da disciplina de Educação Física das turmas do período da manhã da EMEF Professor Anézio Cabral desde o ano de 2004. Em minha experiência, quer seja nas discussões dos horários de trabalho pedagógico coletivo, em encontros com professores (nesta rede de ensino e fora dela também) ou nos momentos de conselho de classe – lembro-me bem das minhas primeiras participações neste colegiado! –, o tratamento dado à temática da avaliação sempre chamou minha atenção. As diferentes propostas e interpretações que emergem no cotidiano escolar fizeram com que esta importante etapa do trabalho pedagógico merecesse, de minha parte, o devido cuidado e atenção.

Após leituras e reflexões sobre o tema e na tentativa de integrar a área de conhecimentos sob minha responsabilidade aos projetos do município (Escola Cidadã e Reorientação Curricular) e da Unidade Educacional, busquei os subsídios na perspectiva cultural da Educação Física e nos pressupostos da pedagogia pós-crítica, para fundamentar a concepção de avaliação que nos últimos anos vem sendo implementada.

Nas primeiras semanas do ano letivo de 2010, com turmas das 4^{as} séries, propus a elaboração de mapas que caracterizassem todas as práticas corporais constatadas no percurso que os alunos realizam de casa até a escola. Tendo por objetivo identificar o patrimônio cultural corporal disponível nas circunvizinhanças da escola, a atividade consistiu em observar as manifestações corporais (ou os ambientes em que elas acontecem) durante o período de uma semana e realizar o registro com bastante cuidado, indicando as brincadeiras, lutas, danças, ginásticas e esportes verificados, seus praticantes e, se possível, algumas de suas características. No primeiro final de semana também fiz meu próprio mapeamento, utilizando uma máquina fotográfica para registrar minhas descobertas.

Para definirmos o início do nosso percurso curricular do período que se iniciava, reunimos todas as informações coletadas para analisá-las coletivamente. Também relembramos as manifestações corporais que foram tematizadas nos anos anteriores e selecionamos a partir dos mapas elaborados aquelas que ainda não haviam sido estudadas, mas despertavam a curiosidade dos alunos e se mostravam propícias para o alcance dos objetivos educacionais da unidade escolar e da Educação Física.

Esta primeira prática avaliativa fez com que o currículo escolar caminhasse ao lado de características presentes naquela comunidade. Os procedimentos adotados visaram, principalmente, atentar para a diversidade cultural presente na sociedade e dentro da escola e construir um currículo inclusivo, reconhecedor da multiplicidade de identidades presentes naquele grupo. Tais encaminhamentos não implicam na simples aceitação passiva de quaisquer práticas corporais ou conhecimentos que possam emergir, como também não significa que serão os alunos a definirem o tema de estudo. O que se pretendeu foi ir além valorização da diversidade cultural em termos folclóricos, com a intenção de questionar a construção das diferenças, dos estereótipos e dos preconceitos, travar diálogos com os diferentes e as diferenças e estabelecer relações mais democráticas. Daí a relevância de conhecer mais profunda e rigorosamente o leque de manifestações corporais presentes na comunidade para incorporá-las ao currículo e fazer falar, por meio da gestualidade, a linguagem corporal infantil.

A partir daquela análise selecionamos a capoeira como a manifestação corporal mais significativa para tematizar com as turmas das 4as séries. Com os mesmos objetivos, solicitei outras atividades de mapeamento junto aos alunos e alunas dos 1os anos, 3os anos e 3as séries, mas em função da restrição do espaço e do objetivo deste texto, focarei a análise apenas no trabalho com as turmas das 4as séries.

No início do processo de tematização da capoeira convidei os alunos e alunas a relatarem ou expressarem corporalmente seus conhecimentos sobre esta manifestação corporal brasileira. Em grupos, combinaram suas ações e, seguindo uma agenda de apresentações organizada pelos estudantes, cada grupo expôs suas vivências para a turma. Tal procedimento, característico da pedagogia pós-crítica, denomina-se ressignificação dos saberes culturais disponíveis aos estudantes. Durante a elaboração, observei de perto o processo, sempre registrando as falas e auxiliando-os na solução das dificuldades que surgiram. A exposição dos grupos também foi observada e registrada. Após as apresentações, organizei listas com os conhecimentos (gestos e técnicas corporais

específicas da capoeira, informações sócio-históricas, curiosidades etc.) demonstrados. Os documentos contendo os registros foram utilizados como norteadores da organização das etapas seguintes do trabalho.

O tratamento pedagógico de uma manifestação cultural corporal popular no interior do currículo escolar, como tem de ser, colocou em xeque as questões identitárias dos estudantes, revelando suas concepções de mundo e sociedade. Percebi, mediante os comentários coletados, que uma parcela não desprezível dos alunos e alunas considerava que os capoeiristas são em sua maioria homens e negros. Por conta disso, preparei um material a partir de imagens retiradas da Internet em que crianças, idosos, homens, mulheres, pessoas com deficiências participavam de rodas de capoeira.

A atividade gerou uma intensa discussão com trocas de opiniões acerca do assunto. Notei que muitos alunos e alunas que permaneciam em silêncio em muitas outras ocasiões, puderam manifestar-se e expor suas formas de ver o assunto. A partir daí, solicitei que passássemos a observar como organizamos as nossas rodas de capoeira – quem joga com quem: meninos com meninas, meninos com meninos, negros com brancos, maiores com menores etc.

Uma situação que me inquietou e fomentou um ambiente para estas reflexões foi o comentário de uma aluna. Ela afirmou que não achava correto “pessoas *brancas e negras*” jogarem capoeira juntas. Esta afirmação desencadeou um grande debate entre os alunos, pois muitos começaram a questioná-la, empregando argumentos pautados em exemplos que mostravam seu desacordo com a segregação durante a prática corporal. Seus colegas recorreram a outras formas de relacionamento entre as pessoas, inclusive aludindo a casos familiares. Para muitos depoentes, casar, conversar, brincar, por exemplo, não dependem da raça, opção religiosa, gênero etc.

Na continuidade das atividades de ensino, com a intenção de aprofundar alguns daqueles conhecimentos apresentados, assistimos a um curta-metragem retirado da internet, *Maré Capoeira*. O filme narra a história de um menino de dez anos que sonha em ser mestre de capoeira como seu pai, dando continuidade a uma tradição familiar que atravessa várias gerações. Mostra como esta manifestação corporal é vivenciada em outro estado brasileiro e, principalmente, apresenta representações distintas daquelas que os alunos e alunas haviam apresentado durante o mapeamento - sobre os locais de prática e as características dos praticantes desta manifestação corporal, entre outras.

Após a apreciação do filme fizemos uma roda de conversa tentando relacionar as listas construídas anteriormente com as informações apresentadas no filme. Solicitei que registrassem as cenas do filme mais significativas para eles, procurando articular as reflexões feitas durante as aulas anteriores com as novas ideias trazidas pelo filme. Cada estudante explicou para os colegas da turma a sua produção e construímos murais em cada sala com estes trabalhos.

Acompanhando os pressupostos da perspectiva cultural da Educação Física, para ampliar os conhecimentos da turma, seria importante aproximar os alunos e alunas, o máximo possível, da manifestação corporal da forma como é realizada nos espaços sociais (Neira e Nunes, 2009). Para tanto, fiz contato inicialmente com escolas e professores de Organizações Não-Governamentais do município, mas dada à dificuldade de acertar parcerias, convidei um capoeirista de outra região para um momento de troca de experiências com os alunos.

Os alunos ficaram entusiasmados com a proposta. Organizamos previamente alguns questionamentos que seriam feitos para o convidado, também combinamos de ouvir atentamente o que ele diria sobre suas experiências e que durante e após a visita registraríamos seus ensinamentos. No dia agendado, o capoeirista explicou com detalhes sua visão sobre a capoeira, fazendo alusão ao seu significado enquanto artefato da cultura corporal brasileira. Destacou seu aspecto de resistência à opressão durante o período escravocrata e as várias mudanças que a capoeira sofreu nas últimas décadas. Obviamente, também organizou uma roda da qual participaram muitos alunos e alunas, que, juntos cantaram e jogaram.

Como aspecto digno de nota, nosso convidado mencionou que ensina capoeira em uma instituição que atende pessoas com deficiência intelectual. Essa foi uma menção bastante importante para reforçar a ideia de que não devem existir barreiras de qualquer espécie para o acesso aos bens culturais. Ao término da explanação, alguns alunos fizeram perguntas sobre assuntos que já havíamos estudado e práticas que havíamos realizado. Essa situação me surpreendeu e fez-me refletir. Envergonhei-me e cheguei a pensar que não houvesse ensinado nada durante as aulas, que eles nada tivessem aprendido.

No dia seguinte, durante uma conversa com as turmas sobre a experiência vivenciada constatei que a atividade foi bem avaliada pelos alunos e alunas. Segundo seus depoimentos: “- *Ele ensinou golpes diferentes!*”, “- *Nunca tinha visto revista sobre capoeira*”, “- *Foi a primeira vez que vi a roupa de capoeira de perto!*”, as explicações do

convidado trouxeram novas informações sobre a capoeira e os capoeiristas, mas também, pude identificar insuficiências nas atividades desenvolvidas anteriormente à visita, o que desencadeou modificações significativas nas atividades planejadas para a consecução dos trabalhos. Retomei algumas questões já problematizadas: li para eles os meus registros, relembremos oralmente as aulas e exemplos dados. Neste momento a ação avaliativa foi fundamental para que eu pudesse identificar em que medida os procedimentos didáticos realizados contribuíram para ampliar o repertório dos conhecimentos dos alunos sobre a capoeira.

Por fim, vale destacar que na perspectiva cultural não se avalia o aluno e a aluna, mas sim o percurso realizado. Daí, a importância de enfatizar práticas dialógicas ao longo do processo. O emprego das variadas linguagens (oral, corporal, imagética), como forma de compartilhar e atribuir significados acerca das experiências obtidas dentro ou fora da escola constituiu-se na estratégia fundamental da pedagogia inspirada nas teorias pós-críticas. Quando ouvi e valorizei o que as crianças disseram e prestigiei suas demonstrações, foi uma forma de reconhecê-las como sujeitos da cultura, como cidadãs. Apreciar e interpretar seus pontos de vista, tratá-los respeitosamente e proporcionar oportunidades de ampliação e contato com as diferenças consistem, no meu entender, nos passos iniciais para construção de uma sociedade mais democrática e equitativa, onde seja melhor viver.

Bibliografia:

NEIRA, M. G; NUNES, M.L.F. **Educação Física, Currículo e Cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

NEIRA, M. G; NUNES, M.L.F (Org.). **Praticando Estudos Culturais na Educação Física**. São Paulo: Yendis Editora, 2009.

<http://www.portacurtas.com.br> - acesso em 23 de julho de 2010